

História e didáticas do retrato: do ensino artístico à prática nas escolas

Portrait's history and didactics: from fine arts academies to secondary schools

ANA ISABEL TUDELA LIMA GONÇALVES DE SOUSA*
& MARGARIDA CALADO**

Artigo submetido a 15 de maio 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

*Portugal, artista visual, *fiber artist*. Licenciada em Artes Plásticas — Pintura (Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, FBAUL) e mestre em Educação Artística FBAUL.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: a.sousa@belasartes.ulisboa.pt

**Portugal. Curso de Ciências Pedagógicas (Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (FLUL). Licenciada em História (FLUL) e doutorada em História da Arte (Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH-UNL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: m.calado@belasartes.ulisboa.pt

Resumo: Este artigo procura proporcionar uma retrospectiva sobre as práticas artísticas e as práticas escolares do retrato, cruzando história da arte e história da educação. A partir de uma comparação entre as origens do ensino do retrato nas academias e o modo como este género é hoje aprendido nas escolas, conclui-se a coexistência de velhos métodos estruturantes e abordagens mais próximas da arte contemporânea.
Palavras chave: retrato / didática / educação artística / educação visual / desenho.

Abstract: *This article seeks to provide a retrospective on artistic practices and school practices of portraiture, crossing history of art and history of education. By comparing the origins of portraiture in ancient fine arts academies and how this genre is now addressed in secondary schools, we conclude the coexistence of old structural teaching methods and renewable learning approaches closer to contemporary art.*

Keywords: *portrait / didactic / art education / visual arts education / drawing.*

Introdução

Como formadoras de professores de artes visuais, no Mestrado em Ensino de Artes Visuais da Universidade de Lisboa, fomos nos apercebendo da regularidade com que surge o retrato enquanto tema de unidades concebidas pelos alunos no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Estas unidades, que refletem diferentes abordagens deste género de representação, têm sido frequentemente tomadas como objeto de análise aquando da elaboração dos relatórios finais deste mestrado (Simões, 2010; Moreira, 2011; Pereira, 2011; Tavares, 2011; Ramos, 2012; Roque, 2012; Nogueira, 2013; Paulino, 2013; Rocha, S., 2013; Henriques, 2014; Machado, 2014; Nunes, 2014) e têm originado algumas comunicações apresentadas no Congresso Internacional Matéria Prima, desde a sua primeira edição, de que são exemplo: *Desenho de retrato e autorretrato: uma primeira abordagem didática* (Ramos, 2012); *O autorretrato: tema facilitador da apreensão de conteúdos essenciais da linguagem plástica e da comunicação visual na disciplina de educação visual do 8.º ano* (Rocha, 2012); *O trabalho em fotografia num projeto de artes performativas* (Nogueira, 2012); *Ensaio sobre a cegueira: olhar para dentro de... Proposta de unidade de trabalho para a disciplina de Desenho A, 11º ano* (Paulino, 2012); *A banda desenhada como estímulo à criatividade dos alunos do 8.º ano: dinâmicas do desenho e autorrepresentação* (Nunes, 2013); *Modos de representação: explorando o retrato fotográfico com alunos do 1.º ano do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais* (Machado, 2014) ou *A minha arte é ser eu: o reflexo da cultura do aluno na autorrepresentação e a sobreposição desta à cultura de escola* (Mendonça & Henriques, 2014).

Conscientes da relevância da temática do retrato, ampliada ao autorretrato, autorrepresentação e outras abordagens que envolvem a identidade pessoal e coletiva, não só para os alunos do Mestrado em Ensino de Artes Visuais da Universidade de Lisboa, mas também para outros conferencistas e participantes no Congresso Internacional Matéria Prima, alguns dos quais, em anos anteriores, têm vindo a abordar igualmente este tema (Carreira, 2012; Dias, 2012; Mártires, Sousa e Boza, 2012; Rita, 2013; Paulo, 2014; Pessanha e Simões, 2014; Rodriguez & García, 2014; Zanini & Schvambach, 2014), decidimos elaborar o presente artigo, no qual iremos, por um lado, perspetivar o retrato ao longo da história da arte e suas repercussões no ensino superior artístico e, por outro lado, estabelecer relações entre essa prática artística e a bem mais recente prática escolar deste género no ensino primário/básico e secundário das artes visuais, para, por fim, dar a conhecer algumas didáticas que, neste âmbito, têm sido desenvolvidas pelos nossos alunos, professores em formação, nos últimos anos.

1. Do ensino artístico às práticas escolares do retrato

O desenho de figura humana, com base no estudo anatómico da mesma e atendendo às proporções do corpo humano, tem resistido a todo o tipo de reformas e persiste como uma das bases fundamentais do ensino artístico. Partindo do princípio de que o retrato corresponde apenas a uma parte do corpo, aquela que de modo mais óbvio o individualiza, mas o ser humano se exprime como um todo e o corpo fala tanto como o rosto, podemos começar por evocar o desenho da figura humana, um dos temas mais recorrentes na arte, desde a Antiguidade até ao momento presente. Não surpreende, portanto, que essa fosse uma das preocupações fundamentais do ensino artístico, de que temos conhecimento, quer através do testemunho das práticas académicas, a partir do século XVI, quer através dos tratados que chegaram até nós.

Na origem do ensino artístico, nas Academias de Belas-Artes, o retrato não era concebido como um conteúdo independente, constituindo a cabeça uma das “partes” do corpo humano a ser estudada, inicialmente, na Aula de Desenho Histórico, e, a partir da reforma de 1881, na Aula de Desenho de Figura por Estampa. Herdeiras das academias de Roma e de Paris (Lisboa, 2007:442), as Belas-Artes portuguesas seguiam o seu modelo, no que respeita, quer à sequência das aprendizagens, quer à prática do desenho de figura, sempre precedida de e sustentada num sólido conhecimento da geometria. Assim, o desenho de figura apenas era desenvolvido “depois dos alunos demonstrarem domínio no uso dos instrumentos auxiliares de desenho (compasso, régua e esquadro) e no desenho linear e geométrico” (Faria, 2008:88), surgindo após um longo e exaustivo processo de aquisição da técnica, e evoluindo, posteriormente, para a cópia do natural, primeiro, a partir da estatuária clássica e, só por fim, a partir do modelo nu.

Os alunos começavam pelo desenho linear, com o traçado de linhas rectas e figuras geométricas, com e sem o auxílio dos instrumentos técnicos de Desenho (régua, esquadro e compasso). Posteriormente, aprendiam a contornar, copiando estampas de cabeças, narizes, bocas, olhos e extremidades do corpo humano (pés e mãos) (...) Instruídos os alunos no exercício da cópia a duas dimensões, passavam ao desenho de modelos em relevo e de objectos naturais. A cópia do natural compreendia o desenho de estátuas, baixos-relevos e de gessos tirados a partir de originais de estátuas clássicas. Depois dos discípulos estarem familiarizados com os cânones da estatuária clássica passavam ao desenho de panejamentos e roupagens sobre um manequim, e por fim, ao estudo do modelo nu. (Faria, 2008:80)

De acordo com Francisco de Assis Rodrigues (1801-1877), que viajou pela Europa no ano de 1867, tendo observado o ensino do desenho nas academias de San Fernando (Madrid) e de S. Lucas (Roma), nas quais os aprendizes, primeiro copiavam estampas de elementos do rosto e só depois desenhavam a partir do

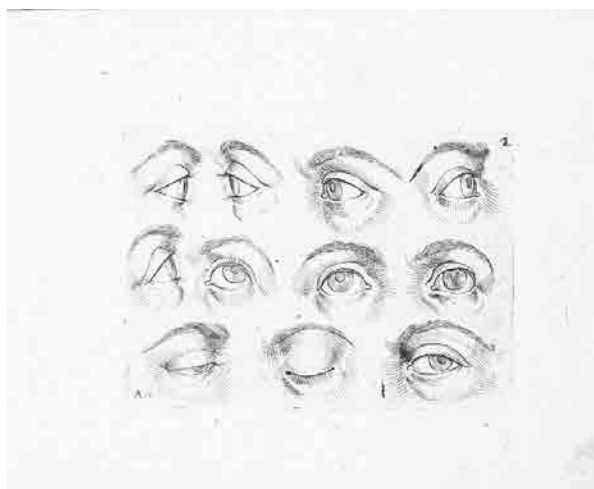


Figura 1 · Odoardo Fialetti, *Il vero modo et ordine per dissegñar tutte le parte et membra del corpo humano*, 1608. Página de rosto. Fonte: www.britishmuseum.org

Figura 2 · Odoardo Fialetti, *Il vero modo et ordine per dissegñar tutte le parte et membra del corpo humano*, 1608. Representações do olho numa das estampas interiores. Fonte: www.britishmuseum.org

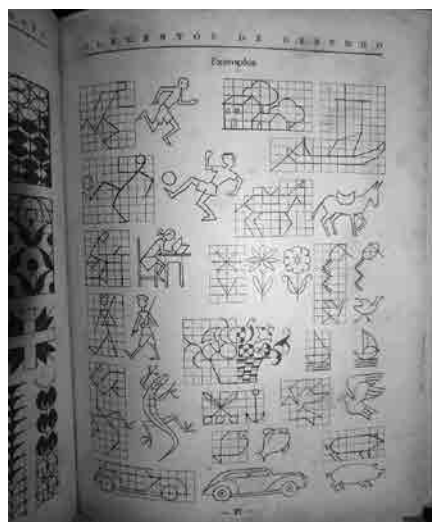
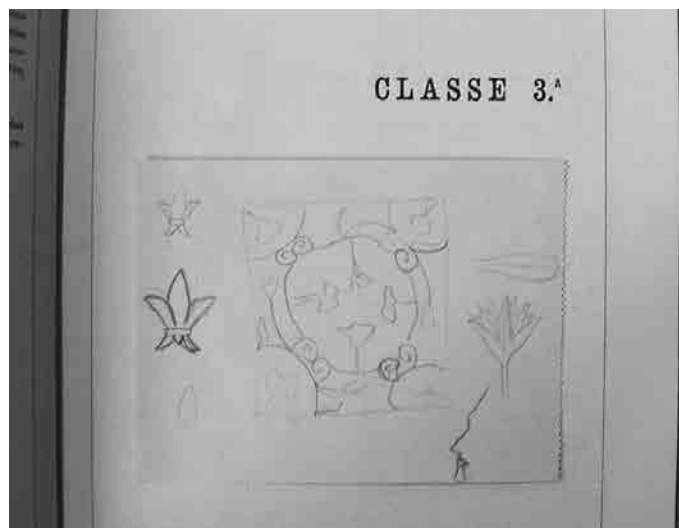


Figura 3 - Pequeno esboço de um perfil entre estudos de desenho decorativo, encontrado no interior de Augusto do Nascimento, *Desenho*, 3.ª classe, 2.ª ed., Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1932.

Figura 4 - Rara representação geométrica da figura humana, Luiz Passos e Martins Barata, *Elementos do Desenho* para o 1.º, 2.º e 3.º anos dos liceus, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1937, p. 37. Fonte: própria.

modelo-vivo, a didática do desenho, nas Belas-Artes de Lisboa, onde foi professor de Escultura e Director, era “semelhante aquela praticada em outros estabelecimentos artísticos europeus” (Faria, 2008:88). Assente no ideário clássico e embuída no espírito racionalista característico da época, o ensino do retrato, nesta instituição, começava, assim, por constituir, não a representação do todo que anima o rosto humano, mas a representação dos vários fragmentos que o constituem: “a cópia de estampas tinha início no contorno de bocas, narizes, olhos, cabeças” (Faria, 2008:88).

Se seguirmos o rasto desta didática, como sugere Marín Viadel (1998:26), para quem aos exercícios que figuram hoje nos manuais de Educação Visual, encontram-se quase sempre subjacentes práticas artísticas com séculos de existência, reconhecemos a sua origem no método proposto por Leonardo da Vinci, que, de acordo com Arruda (2012:140) começou a circular e ser adoptado, “tanto nas oficinas, como nas academias”, muito antes da publicação do seu *Trattato della Pittura* (1651).

Como metodologia para a iniciação ao desenho, Leonardo da Vinci propunha que se comesse pelas partes para chegar ao todo: primeiro desenhar olhos, bocas e narizes, para se chegar à cabeça, depois as extremidades do corpo, as mãos e os pés, e, por conseguinte, os braços e as pernas, e finalmente o tronco. Esta metodologia analítica, à semelhança da aprendizagem da leitura (...) terá reflexo nos manuais de aprendizagem do desenho. (Arruda, 2012:141)

De facto, foi precisamente este método, disseminado por gravadores como Odoardo Fialetti (1573-1638), em obras como *Il vero modo et ordine per dissegnar tutte le parte et membra del corpo humano* (1608) (Figura 1 e Figura 2), que veio a influenciar o ensino artístico do desenho, então centrado na figura humana. Segundo Arruda (2012:140), “estes manuais abundavam entre nós e eram usados pelos alunos da academia”. Para Faria (2008:80), foi este o método, advogado por professores como Machado de Castro (1850), que dominou e se manteve “praticamente inalterável nas sucessivas reformas” nas Belas-Artes de Lisboa.

No que concerne à prática (ou não) do retrato no ensino liceal e técnico, até meados do século XX, é preciso distinguir as diferentes abordagens do desenho assumidas, consoante os contextos educativos. Se nas escolas técnicas, nos últimos anos do 2.º ciclo (hoje, 8.º e 9.º anos do ensino básico), e particularmente nos cursos profissionais de pintura e escultura decorativas, cinzelagem, gravador e fotógrafo, os alunos se aproximavam do retrato, através da prática do desenho de figura, muito idêntica à professada nas Academias de Belas-Artes, nos outros cursos do ensino técnico e no ensino liceal, o que se praticava, em geral, era um desenho quase exclusivamente geométrico, com uma ligeira brecha para o desenho decorativo, onde se compunham os elementos geométricos previamente

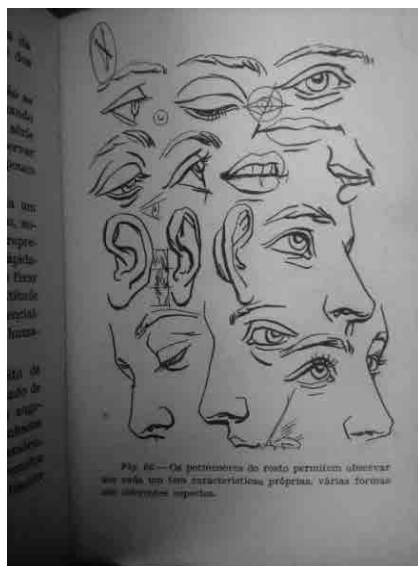
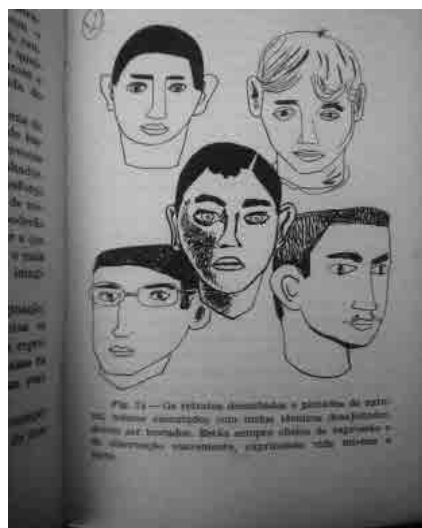


Figura 5 · Calvet de Magalhães, *Aprenda a desenhar*, 1956:171.

Figura 6 · Calvet de Magalhães, *Aprenda a desenhar*, 1956:155.

assimilados (Figura 3) e o desenho à vista, de elementos da natureza e, quando muito, de animais, não fazendo parte do programa a figura humana (e, muito menos, o retrato), pelo que raros manuais a ela faziam referência (Figura 4).

A partir das reformas de 1947-1948, embora Betâmio de Almeida (1961) e Calvet de Magalhães (1960) se afirmassem seguidores do pintor austríaco Franz Cizek (1865-1946) e, por conseguinte, defensores de um ensino mais livre do desenho, a verdade é que as imagens incorporadas nos manuais, nessa época, evocavam as proporções clássicas e o método analítico proposto por Leonardo da Vinci. Assim, ainda que Calvet de Magalhães (1956:171) aconselhasse a realização de retratos de caráter *expressivo*, a partir do natural (Figura 5):

Os retratos desenhados e pintados do natural, mesmo que executados com meios técnicos desajeitados, devem ser tentados. Estão sempre cheios de expressão e de observação conveniente, exprimindo vida intensa e forte.

E Betâmio de Almeida (1960:65) defendesse uma educação visual na qual o professor assumia um perfil *personalista*, possibilitando aos alunos uma atitude *autoexpressiva*:

Cada escolar verá o modelo de certa maneira, e o seu desenho será uma interpretação livre em que se reconhecerá o modelo e as sensações pessoais que provocou. Caberá ao professor não trazer para a sala a sua visão particular e antes estimular cada aluno a interpretar os modelos de maneira séria e pessoal, dum modo espontâneo e aprazível tendo em vista um reconhecimento do mundo exterior pelo aluno e a vivência duma harmonia feita pelas suas próprias mãos.

Ambos os professores metodólogos não dispensavam a assimilação de determinadas regras, consideradas essenciais à prática do desenho de retrato, como podemos observar numa das páginas do *Compêndio de Desenho para o 1.º Ciclo dos Liceus* (Betâmio de Almeida, 1950), onde se encontram reproduzidas as proporções clássicas da figura humana e da cabeça (Figura 7), e numa das páginas de *Aprenda a desenhar* (Calvet de Magalhães, 1956), onde os fragmentos do rosto, trabalhados isoladamente, lembram os “manuais” de Fialetti (Figura 6).

A defesa de uma prática *expressiva* do retrato e a persistência simultânea de métodos *miméticos* na sua aprendizagem poderão ser reveladoras da tensão entre o que Penim (2001, 2003) classificou como “irreverência do borrão” e “rigidez do traço”, ou antes entendidas como fruto de uma sobreposição de concepções e práticas do desenho que, de acordo, com Betâmio de Almeida (1961), nunca são estanques, assumindo, por vezes, propósitos complementares.

No entanto, algo é certo: na segunda metade do século XX, a aprendizagem

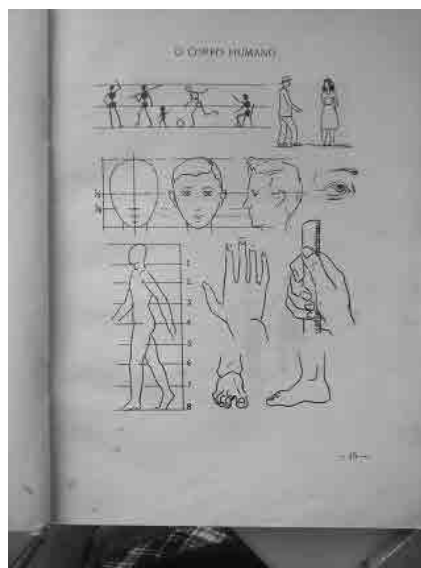


Figura 7 · Betâmio de Almeida, *Compêndio de Desenho para o 1º ciclo dos liceus*, 1964:15.

Figura 8 · Leonardo da Vinci, Estudo das proporções da cabeça e dos olhos, tinta s/ papel, 19,5 x 16cm. Biblioteca Real, Torino, Itália. Fonte: www.wga.hu

do desenho de retrato vulgarizou-se, deixando progressivamente de ser reservada aos artistas, aos aprendizes de artistas e aos alunos “de mais apurada sensibilidade estética” (Brito, 2014:107) a quem era concedida a oportunidade de representar fisicamente ou retratar os colegas, e passando a ser comum entre todos os alunos, não só no ensino secundário, artístico especializado ou geral das Artes Visuais, mas também nos ciclos anteriores.

2. A aprendizagem do retrato, no 3.º ciclo do ensino básico e no secundário, hoje

A coexistência das duas linhas do ensino do desenho identificadas por Betâmio de Almeida (1961): “uma mais racionalista, tendo por base o desenho geométrico” e “outra de inspiração mais naturalista, preconizada por Jean Jacques Rousseau (1712-1778)”, a partir da qual se desenvolveram “as tendências modernas da didática do Desenho”, nomeadamente a *expressiva*, é algo que ainda hoje se verifica no ensino da Educação Visual no 3.º ciclo do ensino básico, encontrando-se perfeitamente traduzida no enunciado proposto a turmas dos 8.º e 9.º anos, por Botelho (2000:87), autora da primeira dissertação sobre a aprendizagem do retrato neste ciclo de estudos (Botelho, 1999): “A cada adolescente (...) pede-se que execute dois desenhos, de acordo com as temáticas sugeridas: um auto-retrato presente e um segundo auto-retrato, em situação imaginária.”

Estas duas tendências, isoladas ou associadas, são também encontradas quando analisamos as diferentes abordagens dos estudantes do Mestrado em Ensino das Artes Visuais, no que se refere a esta temática. Uma das práticas escolares mais comuns, relatadas em *Didática das Artes Plásticas I*, é o retrato a pares de colegas, que raramente representa o todo de uma unidade de trabalho, mas antes constitui um ponto de partida para outros “voos”, como aconteceu na unidade de Educação Visual, do 8.º ano, descrita por Fernandes (2010).

Embora, nos relatórios de estágio apresentados pelos estudantes do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, prevaleça uma tendência geral para o predomínio de didáticas *expressivas*, no que concerne ao ensino do retrato no 3.º ciclo (Simões, 2010; Moreira, 2011; Roque, 2012; Paulino, 2013; Henriques, 2014; Nunes, 2014), a unidade descrita por Fernandes (2010) partia de uma breve introdução ao retrato ao longo da história da pintura ocidental, assegurava uma aprendizagem *mimética* das proporções do rosto, tomando como referência uma imagem que constitui uma versão simplificada da traçada por Leonardo da Vinci (Figura 8 e Figura 9), e culminava numa interpretação pessoal, conciliando os paradigmas *formalista*, *mimético* e *expressivo* da educação artística (Efland, 1979; 1995).

O mesmo sucedeu no projeto em torno do feio, desenvolvido com uma turma de

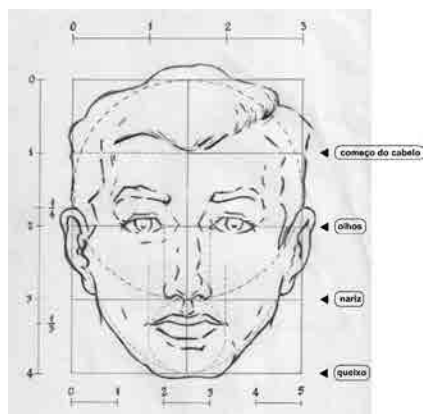


Figura 9 · Proporções da cabeça e dos olhos, versão simplificada apresentada aos alunos de Educação Visual do 8.º ano do ensino básico, por Rita Fernandes, 2010.

Figura 10 · Resultados do exercício 2: retrato de um colega à maneira de Leonardo da Vinci e/ou Albrecht Dürer, alunos 10 e 28.

Fonte: Tavares, 2011, Anexo VI: 84 e 86.



Figura 11 · Resultados do exercício 2: retrato de um colega à maneira de Leonardo da Vinci e/ou Albrecht Dürer, alunos 10 e 28.
Fonte: Tavares, 2011, Anexo VI: 84 e 86.

Figura 12 · *Monster in me*. Autor: A. F. Fonte: Machado, 2014:119, Figura 52.

Desenho A, do 12^o ano, por Rocha (2013), que optou por uma perspetiva *reformista* (Acaso, 2009:102-105) no ensino secundário do desenho, onde tem prevalecido uma tendência geral para o predomínio de didáticas *miméticas* (Tavares, 2011; Ramos, 2012). Neste projeto, um primeiro exercício *mimético*, de autorrepresentação da fealdade do rosto, a partir de *selfies* tiradas pelos alunos, evoluía posteriormente para interpretações plásticas mais subjetivas, culminando em mapas conceptuais da sua identidade.

Como exemplos de abordagens didáticas do retrato, aparentemente opostas, porém, no nosso entender, complementares (Figura 10, Figura 11 e Figura 12), não podemos deixar de mencionar “O desenho à maneira dos mestres como metalinguagem e Retrato e identidade: o retrato fotográfico como espaço de exploração da identidade”, concebidas e relatadas, respetivamente, por Tavares (2011) e Machado (2014).

Apesar de implementados em disciplinas distintas, respetivamente, Desenho A e Técnicas Audiovisuais, com turmas do 12^o ano e do 11^o ano, e de promoverem o desenvolvimento de competências associadas ao domínio de técnicas, cujo aparecimento, na história da humanidade, dista alguns séculos, estes projetos acabam por convergir em muitos aspetos, entre os quais destacamos: o facto de partirem de uma contextualização histórica e social das respetivas *épocas em que surgiram* as técnicas artísticas inerentes ao tipo de trabalho que pretenderam explorar com os alunos; o facto de integrarem neles uma aprendizagem *mimética* dos procedimentos *técnicos a realizar pelos alunos*; o facto de implicarem um trabalho colaborativo, na medida em que dependiam da interação de pares que se retratam alternadamente; e o facto de assentarem em apropriações, no primeiro caso da maneira de um mestre, e no segundo dos retratos realizados e selecionados previamente pelos colegas, mas ainda assim possibilitarem interpretações muito próprias da identidade dos retratados.

Com resultados finais diferentes, fruto da expressividade inerente às tecnologias que lhes dão corpo, estes dois projetos não deixam de transparecer o tempo, o modo de ser e o modo de estar dos seus protagonistas, evocando as épocas por si estudadas nas primeiras aulas mas, simultaneamente, autonomizando-se em relação a elas.

Neste sentido, acreditamos que, independentemente do *medium* utilizado ser o desenho ou a fotografia manipulada, pelas características já descritas, os projetos no âmbito do retrato implementados por Tavares (2011) e Machado (2013) se complementam na dupla função da educação, simultaneamente responsável pela preservação e pela renovação das culturas, concebidas por Efland (2005:66) como entidades vivas, que correm o risco de desaparecer, tanto pela incapacidade de “transmitir o seu legado”, como pela incapacidade de “adaptar-se a novas situações e mudar”.

Conclusão

À semelhança do que ocorreu na história da arte e na história do ensino artístico, o retrato, durante muito tempo, permaneceu como um género menor na hierarquia dos conteúdos do desenho, sendo a sua prática quase inexistente, nos liceus e escolas técnicas, até meados do século XX. Na verdade, embora seja hoje um dos temas mais apetecidos, o retrato constitui uma prática relativamente recente nas escolas básicas e secundárias, onde tem sido ensinado/aprendido de muitas formas, combinando diferentes paradigmas, mas, regra geral, continuando a assentar no conhecimento da anatomia e das proporções humanas. Tal não significa que a generalidade dos professores adopte uma postura conservadora, mas acreditamos ser antes o reflexo de uma tendência pós-moderna de apropriação e renovação de diferentes métodos, com vista a responder a um dado problema ou contexto educativo.

Referências

- Acaso, M. (2009) *La educación artística no son manualidades: Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual*. Madrid: Catarata.
- Arruda, L. (2012) Imagens do corpo na Academia de Belas-Artes: métodos de Aprender o desenho, in *Representações do corpo na ciência e na arte*, 139-151.
- Betâmio de Almeida, A. (1964[1950]). *Compêndio de Desenho para o 1.º Ciclo dos Liceus*. 3.º ed. Lisboa: Liv. Studium [deposit.].
- Betâmio de Almeida, A., (1961). O Desenho no Ensino Liceal. *Palestra: Revista de Pedagogia e Cultura*, n.º 10.
- Botelho, C. V. (1999). *A dimensão visual da cultura e a construção da identidade : análise de auto-retratos de adolescentes*. Lisboa: Dissertação em Ciências da Educação, na especialidade de Educação Intercultural, pela Universidade Católica.
- Botelho, C. V. (2000). *A dimensão visual da cultura e a construção da identidade: análise de autoretratos de adolescentes*. *Revista Educação e Comunicação*. N.º 3, 80-104. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/286/1/n3_art6.pdf
- Brito, M. C. R. S. (2014). *As Disciplinas de Desenho e de Educação Visual no Sistema Público de Ensino em Portugal, entre 1836 e 1986. Da Alienação à Imersão no Real*. Tese em Educação Artística pela Universidade de Lisboa.
- Calvet de Magalhães, M. M. (1956). *Aprenda a desenhar*. Lisboa: Campanha Nacional de Educação de Adultos.
- Calvet de Magalhães, M. M. (1960). O Ensino de Desenho, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1(2):383-400.
- Efland, A. (1979). Conceptions of teaching in art education, *Art Education*, 32(4), 21-32.
- Efland, A. (1995). Change in the conceptions of art teaching, in R. W. Neperud (ed.), *Context, content and community in art education: beyond post modernism*, 25-40. New York: Teachers College Press.
- Efland, A. (2005). Infancia y cultura visual, in Belver, M. H., Acaso, M. e Merodio, (Eds) *Arte infantil y cultura visual*, Madrid: Eneida, 53-69.
- Faria, A. C. R. (2008) *A coleção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935): Tradição, formação e gosto*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia, pela Universidade de Lisboa.
- Henriques, S. (2014). *Do auto-retrato à*

- máscara. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Lisboa, M. H. (2007) *As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico*. Lisboa: Edições Colibri.
- Machado, A. R. (2014). *Retrato e identidade: o retrato fotográfico como espaço de exploração da identidade*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Moreira, S. (2011). *Uma escola chamada eu: Exploração da identidade através da expressão plástica*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Nascimento, A., (1932). *Compêndios de Desenho para o 1.º, 2.º e 3.º anos dos Liceus*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- Nogueira, A. (2013). *Representações gráficas da dinâmica do corpo: Desenho, 12º ano*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Nunes, E. (2014). *Museu, reflexão e práticas de arte contemporânea*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Passos, L. e Barata, M. (1937). *Elementos de Desenho para o 1.º, 2.º e 3.º anos dos liceus*. Lisboa: Sá da Costa.
- Paulino, E. (2013). *Desenhar no espaço: contributos para a construção da identidade do professor e artista, uma proposta para o 10º ano, Desenho A*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Penim, L. (2003). *Da Disciplina do Traço à Irreverência do Borrão*. Lisboa: Livros Horizonte. Dissertação de Mestrado em História da Educação pela Universidade de Lisboa, 2001.
- Pereira, A. (2011). *O Nosso Retrato — O contributo do Museu Nacional de Etnologia no ensino de uma unidade de Educação Visual*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Ramos, R. (2012). *Retrato e autorretrato: uma estratégia de ensino em Desenho A, 12º ano*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela orientado por Universidade de Lisboa.
- Rocha, S. (2013). *Associação de Teoria e Prática na disciplina de Desenho*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Roque, H. (2012). *A auto-representação: espaço de motivação e criatividade no ensino da cultura e educação visual*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Simões, M. A. (2010). *Intervenção no espaço sala de aula: uma aprendizagem criativa através do auto-retrato*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Tavares, C. (2011). *O desenho à maneira dos mestres como metalinguagem*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade de Lisboa.
- Marín Viadel, R. (1998). *Clasificaciones, etapas y modelos en la historia de la educación artística*, in Hernandez, Fernando e Ricart, Marta (coord.), *Actas da III Jornadas d'História de l'Educació Artística*. Barcelona: Impressions Belles Arts, 23-37.
- Vinci, L. (1651) *Trattato della Pittura*.